

Direitos Humanos mas sem os EUA

O senhor George W. Bush, o republicano que venceu as eleições para a presidência dos Estados Unidos da América obtendo menos meio milhão de votos do que o derrotado candidato democrata, Al Gore, rasgou tratados antigos e está empenhado numa nova guerra de estrelas agora denominada Sistema de Defesa Antimissil

O senhor George W. Bush, texano que já ocupou a cadeira de governador do Estado de onde negou um recorde de indultos a condenados à morte, feito que muito o orgulha, rasgou o acordo de Quioto sobre as emissões de poluentes para a atmosfera e está empenhado em garantir que a ecologia não prejudique a indústria americana.

O senhor George W. Bush, cujo mandato presidencial abriu praticamente com um injustificado e unilateral bombardeamento a Bagdad, numa acção que quase parecia uma espécie de salva de tiros para celebrar a chegada à presidência, faz sobrevoar as águas territoriais chinesas por aviões espões e indigna-se quando um deles é obrigado a aterrar em território chinês.

A presença militar norte-americana na Colômbia, a pretexto da luta contra a produção de droga, é já encarada como uma espécie de Vietnam e não apenas pelas instituições ou políticos anti-americanos do costume. Na América do Sul há países, como o Brasil, que não escondem preocupações por força de tais políticas que também encontram opositores na própria América.

A América do senhor George W. Bush, a mesma pátria de Hemingway (o que bebia "mojitos" na "Bodeguita Del Medio", em Havana, e escreveu "El viejo y el mar") não foi eleita para a Comissão dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas. Menos mal, que é como quem diz do mal o menos.

Afinal não é inevitável que os Estados Unidos se tornem na polícia do mundo como muitos (e não apenas norte-americanos) gostariam que a chamada única super-potência sobrevivente assumisse.

João Rita